

AUTORES & LIVROS

Ano III
9/5/1943

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras) Vol. 10 N.º 15

A VIDA DE PAULO SETUBAL - Mucio Leão

"Confiteor", de Paulo Setubal... é um doce livro, de ajoelhamento, de resignação e de descrença. É um livro que qualquer católico poderá levar consigo para a igreja, em missa.

Acabei de lê-lo, e tomai das mãos, estante o volume das "Novelles d'Etudes d'Histoire Religieuse", de Renan. E fui ler aquela página, suave e poesia tronica, em que o sutil escritor da vida de Jesus assume nos fala: "Quelques personnes n'ayant tomé que avoir le cœur contentement certainas passées de mes écrits, et les autres trouvant susceptibles d'être utiles ou de conseiller, je songeai à extraire ces passages des volumes dont la font partie, et à les publier en un petit livre, sous le nom de "Lectures pieuses". Je diviserais la matière en quatre-deux parties, pour les deux-début dimanches de Pâques. Il y aurait pour chaque dimanche un extrat de "Mémoires et des Pères de l'Eglise" appartenant à la facion de la vérité du docteur; puis tard, de deux à deux, un court venit ay-

Une femme pieuse ne me crut qu'à certaines lueurs de la différence d'un ton d'éloge avec le Parisien, et d'autre part, avec à l'église, pour faire l'autel — elle, à quelques années, par le préfet, et tout la une bien belle vocation. Je ne cacherai pas, en effet, que de tous les livres, ce qui me fait le plus d'envie, c'est le livre de messes."

"Confiteor", livro de um ex-tor, que regressou à igreja e entrou no encanto do seu idílio com Deus, poderia ter satisfeita esse anelio de Renan.

Nas páginas, Paulo Setubal deixou relatar-nos a história de sua vida e também a história de sua alma. Infelizmente, muito pouco tempo teve para escrever. O capítulo primeiro do livro foi escrito no dia 25 de outubro de 1938. Sete meses depois, o escritor morreu. Durante essa metade de um ano, poucas horas do seu dia podia ele dar ao trabalho. Ele estava era deliciado, e se levava cada vez mais. E os momentos que lhe restavam e que ele sabia seriam tão poucos, davam a Setubal os entes que idolatrava. Dava-as à sua filha, doce figura de aço que o consolou no leito de morte. Dava-as à esposa, que foi a sua amiga dolorosa, a consolar nas últimas passas, o corpo quebrado do homem que tanto amava.

Quanta coisa diz-nos, nestas páginas, Paulo Setubal! Quanta coisa mais teria para dizer!

Paulo Setubal nasceu em 1903, em Tatuí, interior de São Paulo. Era uma cidadezinha modesta e pobre. Na pagina em que a menina escritor assim a pintou: "Ainda agora, neste momento, ao escrever-lhe o nome desse povo, tenho deixado os olhos, emocionadamente, a pintura desse povo, os seus valentes espaldados, as suas roupas de ferro, os seus moinhos, os seus moinhos, e por baixo portas, por gatas de lavrador

opulento ou aldeano humilde de caçaria, aqueles riachos algodoados que amadureciam, em junho, brancos, brancos, de tanta pluma branca aberta ao sol..."

Chegava Paulo aos quatro anos, quando o pai morreu. Era um homem de luta, um pioniro de "entredas" asperas, digno de figurar numa desemessa "bandeira", daquelás que outrora viviam o bravo mundo do sertão, criando o milagre do Brasil. Morrendo inesperadamente, deixou a vívida encarregada da criação de nove filhos pequeninos. A pobre senhora pasou os pimpolhos no colégio de seu Chico Pereira — pelo menos Paulo ali foi matriculado. E começou a lutar hereticamente, para viver e para sustentar aquela meridiana da tão desprotegida.

Na escola, Paulinho logo amigou das meninas que estavam cursando as juventudes. Aprendeu com facilidade, e, assim, dava bom conta de si. Mas havia uma tortura para os seus pobres dias de criança: era a inhumaneza, que pesava sobre os seus ombros, de tratar das vacas "Morena" e "Manete". Era de quem as levava a pasturar e quem as trazia do pasto. E que pavor, entrar nos matos bravos! Certo dia, esse pavor o levou a fazer uma promessa perigosa. Chegou-se a um altar em que estava Nossa Senhora com o seu Menino nos braços e lhe fez: "Está comovido prece:

— Minha Nossa Senhora, ajuda-me! Faz-te que eu encontre a "Morena" e a "Manete" sem custo. Que elas não se escondam no mato! Concedel-me o que eu vos peço, minha Nossa Senhora, que eu, aqui, diante do vosso altar, faço esta promessa: eu, quando ficar homem, serrei padre!

E' desnecessário dizer que as duas vacas, como sempre, continuaram a se esconder no mato. Mas, quando Paulo já estava crescendo, essa promessa de criança quase o levou ao somatório.

Chegava Paulo à adolescência, quando a sua mãe com a numerosa tribo, resolveu deixar Tatuí. "Pôndi, nas mãos de Deus o seu destino de vida" — diz-nos o autor — "lá veio ela, só com a sua coragem, a batizar em prós dos filhos, nesta dura cidade de São Paulo, que é a mais dura, a mais fria, a mais materialista das cidades do Brasil".

Em São Paulo, entrou Setubal para o Ginásio de Nossa Senhora do Carmo, e iniciou os estudos com os irmãos maristas. Sua mãe instalou-se pertinho do ginásio, primeiro na rua das Flores. Paulo permaneceu durante seis anos naquele colégio.

Começa então a interessar-se pelas coisas da literatura, e mesmo tem as suas filosofias studadas. Os livros que compra e procura ler fazem-lhe de Kipling, de Spinoza, de Rousseau, de Schopenhauer, de Spencer, Balzac, Voltaire e Nietzsche. Mas os grandes influenciadores são os livros de lavrador

espírito — confessa ele — são obstruído as de Junqueiro e Antunes do Quental. De Junqueiro creio ser possível encontrar, na obra de Setubal, uma influência marcada. "A Alma Cabocla", lembra muito em várias páginas, a "Musa em Ferias", do grande poeta português. Mas de Antunes de Quental nemhuma ressonância encontro em Setubal. Outra influência que ele parece ter considerado forte sobre o seu espírito, no período de formação, foi a de Muret. Também houve encontro, no autor da "Marquesa de Santos", dessa reminiscência, que ele julga possuir no epílogo.

Esse período é de franco, descrenado ateísmo. Ciclo das literaturas e dessas filosofias ateístas está Setubal quando entra na Faculdade de Direito de São Paulo. Começa a frequentar as aulas do segundo ano, quando resolveu ser lecionista. Era a época da comunhão civilista, e apareceu em São Paulo um jornal diário — "A Tirda". Paulo Setubal subiu, um dia, às escadas da felha e foi perante o diretor o lugar de critico literário. O diretor sorriu da pertinacia do rapaz. Não lhe deu a coluna de critica; mas lhe deu um lugar de revisor, que tinha ficado vago nas vespas. Já então era Setubal professor de duas escolas. O ordenado-vinhedo de revisor serviu apenas para alargar um pouco as suas verbas, que já eram quase ótimas. Mas o Gérônimo literário já estava em seu apogeo. E certo dia ele tornou a presença do chefe, levando um punhado de estrofes.

Deixe a versalhada afi — foi a única palavra que ouviu do homem severo.

Daí a dias estava no serviço de revisão de provas, quando o companheiro de trabalho "interpelou, assombrado:

— Não é você que é Paulo Setubal?

— Sou, sim.

— Pois veia isso.

E mostrou: Era uma de suas poesias, composta em duas colunas, com um retumbante título por elma! Foi Paulo de novo ao gabinete do chefe, para agradecer-lhe a gentileza, e dele recebeu uma notícia esplêndida: passava de então por diante a trabalhar na redação. E lá ter uma coluna à seu cargo!

Para festejar a promoção, foi ele com amigos a um bar. Mas, no dia seguinte, no acordar, sentiu que não estava bem de saúde. Chamado o médico, verificou-se que a coluna era grave. E lá começou Setubal a escalar o seu calvário de tuberculose.

Princípio foi para Tatuí. Seis meses de repouso deixaram-no "clínicamente" curado. Mas o médico não estava satisfeito. Julgou necessário um retiro em Campos de Jordão. Lá partiu ele para Campos de Jordão, com um escasso dinheirinho, arranjado heroicamente por sua mãe. Aqui achamos a história da cura — e achamos, também, (Continua na pág. 234)



PAULO SETUBAL

SUMÁRIO

PÁGINA 225:

— A Vida de Paulo Setubal, de Mucio Leão.

PÁGINA 226, 227:

— A Poesia de Paulo Setubal:
— De volta
— A Fazenda
— A Jente
— Escândalo
— A Vila
— Mês de Maria
— A Forasteira
— Certe vez...
— Idilo
— Sinfonia

— Um autografo de Paulo Setubal. Carta a Fernando Nery.

— Prefácio de Confiteor, do Padre Leonel França, S.J.
— Bibliografia de Paulo Setubal (Em 1938).

PÁGINA 228:

— Um livro de Paulo Setubal, de Humberto de Campos.
— Página de rosto de Confiteor, de Paulo Setubal.

PÁGINA 229:

— Encontro com Cristo, de Paulo Setubal (Ilustração de Enoia).

PÁGINAS 230, 231 e 232:

— Paulo Setubal, o poeta, (Conferência realizada a 4 do corrente na Academia Brasileira de Letras, em homenagem a Paulo Setubal). — Cassiano Ricardo.
— Paulo Setubal, na opinião de Afonso de Taunay.

PÁGINA 233:

— A obra de Paulo Setubal, de Alcântara Machado.
— Paulo Setubal na opinião de Valdomiro Silveira.

— Carlota Haringue. (Uma das ilustrações de Wasth Rodrigues para O Príncipe de Nassau, de Paulo Setubal).

— Página de rosto de Alma Cabocla, o livro de versos de Paulo Setubal.
— Bucólicas, de Paulo Setubal.

PÁGINA 234:

— Regresso a São Paulo, de Paulo Setubal.

PÁGINA 235:

— Quatro estudos sobre Paulo Setubal, de João Ribeiro.

I Alma cabocla

II As Maluquinas do Impulsor

III Dois livros de história.
(1) Bandeira de Portugal Diaz — Nos Bostidores da História)

IV Dois outros livros de História. — (Ouro da Caniba — Os irmãos Leme).

V Alma Cabocla, de Breno Ferraz.

PÁGINA 236:

— O Confiteor de Paulo Setubal. Carta a Fernando Nery.

— Ilustrações de Wasth Rodrigues para o Príncipe de Nassau de Paulo Setubal:
— João Fernandes Vieira
— Henrique Dias

— Vida de Negreiros
— Felipe Camarão

PÁGINAS 237, 238, 239 e 240:

— Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea, 1ª série — Antologia da Poesia, VIII — Vinícius de Moraes.

— Vinícius de Moraes (nota biográfica com desenho de Norma).

— Bibliografia de Vinícius de Moraes.

— Algumas fontes sobre Vinícius de Moraes,

— Mormaço
— Suspensão
— Véhicle

— O bono pastor

— O olhar para trás
— Sucum

— Ilha do Gobernador
— Ausência

— A queda

— O escravo
— A mística das almas

— O Bergantim da Aurora
— Soneto à Iua

— Soneto de inspiração
— Arias para assombro

— A máscara da noite
— Vida e poesia

— Soneto de contrição
— A vida vivida

— Juva

— A partida

— Ariana, a mulher

— Soneto de separação — (mo-símile de autógrafo).

PAULO SETUBAL

Escândalo

ERA o costume, a tarde, em frente à Escola, para sentar os homens graves de terraço, E a escutar-se sobre a vida a bateca. Nós, todos que trattavam tais assuntos, A vida, a história de passarmos juntos, E o que é sempre escândalo ad aldeia!

E o cidadão, e o juiz-de-paz, e o bodeiro, Pensava o mais negro comentário. Aos olhos doceiros amar, tudo feijão! O profundo padre, um santo e velho cura, Ia a ver-nos: "Eis a má leitura! — São livros de Zéia que fazem isso..."

Mas só, como os pastores de Virgílio, Vestindo então num descuidoso idílio, Sorriram dos lados provincianos: E o pleno aldeia desdenhando apodos, Passavam de braço entre eles todos, Na glória das que se amam aos vinte anos!

A Vila

MEMBRO-ME bem dessas violeta rade, onde eu me fui, sem gosto e sem saude, Deitar um polso para os meus cansacos. Que terra triste... Triste e certamente: A escola, a hospedaria, a antiga igreja, E a capulinha do Senhor dos Passos...

No esquina, em frente à Câmara, o barbeiro; E logo após, no megalópolis letitro, A "Loja Popular" do velho Lopes; E bem no largo da Matriz que fios A repentina, a clássica boleia, Com eus reclame de ócos e xaropas...

Ah! Foi a, nesse cramo de tristosa, Nossa terra-fim funebre e burguesa, Tão seu encantos, tão descorrida, Que eu fui viver, com lágrimas e flores, No mais cruel amor dos meus amores, A pagina menor da minha vida!

Mês de Maria

COMO era linda, em maio, nas novenas, Por elas rosas tristes e sorenas, Choras de incenso e de orações piedosas, Ver os príncipes da pequena vila, Brincar a chama, trefegar, em fila, Quem cantando e carregando rosas!

PREFACIO DE «CONFITEOR» - Padre Lamei França S. J.

Va plenitude dos anos, o anjo vai entrar batendo a porta para acompanhá-lo na descida eterna dos frustos. Os administradores da sua obra literária lembraram, inconscientemente, o desencorajamento prematuro do autor da palavra. Na firmatura das letras foi o seu brilho maior como o de um meteoro. O que, nos últimos tempos, lhe convidaram de perfeita exortação espiritual choraram e mede preparação de um apóstolo das irradiações benfícias promovidas amanhã extender-se em todas as incansávelm celulide.

Era e outros teriam talvez, a tarefa de erigir-lhe no túmulo uma coluna partida, símbolo de tanta esperança desfeitas.

Não o abalar criado, que, durante este tempo, teve muita longa e o mais profundo porque só de cima alto, procurou discernir os sonhos suavíssimos de uma Divindade que não era nas imprecisões de seus misteriosos de quais.

Paulo Setubal preencheu a sua obra na terra; não a deixou em si-sua-nos a mensagem da vida de sua vida. E este o mais profundo destas palavras que eu li: "notas íntimas, de vidas vividas, metas humanas". As lembranças amarradas da felicidade ou de erros das imagens da memória que lhe encheram a existência. Herdeira de tudo o que havia a depoimento vivo e sincero de uma existência que sangra ante o sofrimento e se agostava da tragedia final. Este depoimento sem grande brecha da coragem, e particular como um ato de ca-

ridade e imperioso como a intuição de um dever. As suas confissões poderão servir de leitura, tanto de conforto a outras ex-vítimas atribuladas e chafudas, eis o que as inspira: "escrevi a Idéia, só essa Idéia, deu-me ânimo a que vencendo desalentadoras cancelras, eu me afirmei... Deus sabe como! — a esse trabalho que os meus olhos não virão em livro!".

E que nos traz esta mensagem comovente, escrita entre a vida e a morte, uma e outra senitidas em toda a aqueduda pungente de sua realidade? Traz-nos o encontro de Paulo Setubal com Cristo Jesus, do letitro elegante com o Crucificado, do Calvário, da inquietude contemporânea com a fonte eterna da paz, da riratoria com o seu Criador. "Faz um ano que me encontrei realmente com o Cristo... O Cristo apareceu de improviso no meu caminho... Perguntei-lhe o anelito: Quem sou eu? Ele me disse: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida".

Pode imaginar-se encontro mais grato! Pode achar-se o que representa numa existência instável e desorientada a revelação inesperada do grande "Caminho" que a terra segura à direção dos seus destinos. Pode esperar-se a profunda da sensação que provoca na intelecto-cia e no coração de um homem o aparecimento da Verdade e da vida?

A mudança é total; completa e definitiva a inversão de todos os valores. Do mundo das apariências e ilusões passa-se com surpresa para o da realidade plena.

E eu, toda a tarde, mudo e solitário, Vinha escutar o mistico rosário. Que o povo murmurava aos pés de Cristo; E um dia vi, na reza, com espanto, Surgir a deusa de mais lindo encanto. Que neste mundo os olhos meus não viam!

E em plena igreja, nessa tarde inteira, Quêde-me a contemplar a forasteira, Nunca devo levar carinhoso e mudo. E em torno, a fir, de quando em quando, Me encantava um olhar discreto e brando, Que atontamente prometia tudo!

A Forasteira

DISSEI-ME o barbeiro da vila, Que essa élgante, essa grata devota, Prenguadora ideal das ladainhas, Também querer, em buscas de bons ares, Passar o mês das férias encolares. Na mesma terra onde eu havia-via as missas,

Ei! an vila, nessa poeira aldeia, Tão incômodo, tão rústica, tão feia, Pardade de caboclos indigenas. A forasteira, com seu ar "touriste" Com seu chapéu de plumas, com seu onisci, Mais que uma deusa, deslumbrava as gentes!

E eu, que vivia a padecer nesse ermo, E a definhar-me, torturado e enfermo, Nas nostalgias dessa vila odiosa, Eu bem sentia ao ver essa estrangeira, Que na malha, pela vez primeira, Brotara a flor dum patígio luxuriosa...

Certa vez...

CERTA VEZ... Vá, não cores desse galho! Eu era um estudante de direito, Tu eras um simples notáculo! Peçamos, portanto, meu tecido, Prazer, como fizemos, sem desdoura Era lourura que hoje te contrista.

Com que emoção — recordo! — com que gusa, Eu vinha te esperar, vibrante e ansiosa. Novas novenas de silênciosas cavaes! E como um cavaleiro que se prezava, Timbrava em te levar, despois da reza Até ao portão da chácara em que estavas.

Sobre a fugacidade do tempo e do que nela aparece e desaparece projeta a eternidade a sua tua serena e infatil. Há tempos séculos quando no caminho de Damasco entre Paulo e o encontro com Cristo, a visita, a princípio, se lhe ofuscou ante o esplendor da aparição. Mais tarde cairam-lhe dos olhos as escamas e o mundo respeitou translucido. Impressionado análogo experimentou também o nosso Paulo ante a visão do Senhor: "Depois que o conheci... fui, absolutamente transformado na minha existência como por encanto... Transformei-me. Transformado nas ténias, transformação nos gestos, transformação nas leituras, transformação no modo de encarar a vida".

Assim é. O homem que, a claridade divina, encontra a solução da sua herilidade destinal, purifica e aprofunda o seu olhar; julga à luz de novos critérios e descança incansavelmente na posse de uma felicidade, antes debalde procurada. "Desde então a felicidade veio... Mas sua felicidade diferente daquela que o mundo sonha!",

Na ameaça pacificadora desta bondade iraniana hora convence o problema angustiante da dor. O sofrimento, pedra de conduta para tantas almas que o não saem offilar com olhos iluminados pela fé, aparece em sua verdadeira fisionomia como o mensageiro austero da Providência a serviço do Primeiro Amor. Purifica os erros, manda-nos os segredos da apostolado, solidariza-as almas com Cristo na obra redentora da humanidade, regenera, esti-

ma certa vez... Não cores desse galho! Era de noite. Arriava-nos o pôr... E ardia em mim um fogo... Tomai-te as mãos... Sorriete. E ai, com amoroso, As nossas bocas, sem saborear como, Fiamosamente uniram-se num beijo!

Idilio

"VAMOS?" disseste... E eu disse andaste: vamos! Ia no céu, nos páramos, nos raios, Uma alegria esplêndida e sonora; E tu, abrindo ao sol, como uma tenda, Leve sombrinha de custos renda. Nós dois partimos pela estrada acá,

Eram pastagens largas, eram roças, Carros de bois, currais, berreadas cheias; E rústicos galpões de pasto-a-pique; Se tu, nessa bucólica simples, Com teu "tailleur" de casemiro inglês, Punhas uns tons de mundanismo ócio.

E a poeira, e o sol queimante, e a dura estrada, Nos papagueando, nem sentirmos nada, Seguimos num sonho encantador: E que a felicidade, como um vinho, Fazia-nos andar polo caminho, Tonitos de goso e bêbedos de azeite.

Sinh' Anna

SINH' ANNA é uma velhota quitaninha, Comida e amada dessa vila inízia, Idosa nos ossos, rija na carne, Que vive livremente ao pé da estrada, Nossa casinha, simples e barrada, Dum palavrão delicioso e rude.

Ah! Quantas vez, nessas manhãs vermelhas Cheias de aromas de canções, de abóbora, Nós dois, numa travessa encantada, Nossas viúvas ali — que bom patê! — Ver a frescura, a paz, o ruído azeite, Da humilde casinha ao pé da estrada.

E quanta vez também (que aço proibido!) Doviamos a boca de Sinh' Anna, Com beijo e carícias românticas, Enquanto a velha, a eKuidia velhinha, V-Guidia tecnicamente da casinha, Trazia um prato de cutelandas frescas...



EX-LÍGROGRAFIA DE PAULO SETUBAL

(Em 1928)

"A Marquesa de Souza" — 1.º volume... 40 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 2.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 3.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 4.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 5.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 6.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 7.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 8.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 9.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 10.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 11.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 12.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 13.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 14.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 15.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 16.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 17.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 18.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 19.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 20.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 21.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 22.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 23.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 24.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 25.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 26.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 27.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 28.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 29.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 30.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 31.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 32.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 33.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 34.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 35.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 36.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 37.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 38.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 39.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 40.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 41.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 42.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 43.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 44.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 45.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 46.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 47.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 48.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 49.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 50.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 51.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 52.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 53.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 54.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 55.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 56.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 57.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 58.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 59.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 60.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 61.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 62.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 63.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 64.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 65.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 66.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 67.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 68.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 69.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 70.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 71.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 72.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 73.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 74.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 75.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 76.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 77.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 78.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 79.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 80.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 81.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 82.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 83.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 84.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 85.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 86.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 87.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 88.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 89.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 90.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 91.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 92.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 93.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 94.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 95.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 96.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 97.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 98.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 99.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 100.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 101.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 102.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 103.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 104.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 105.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 106.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 107.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 108.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 109.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 110.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 111.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 112.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 113.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 114.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 115.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 116.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 117.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 118.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 119.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 120.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 121.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 122.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 123.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 124.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 125.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 126.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 127.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 128.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 129.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 130.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 131.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 132.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 133.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 134.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 135.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 136.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 137.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 138.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 139.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 140.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 141.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 142.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 143.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 144.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 145.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 146.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 147.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 148.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 149.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 150.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 151.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 152.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 153.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 154.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 155.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 156.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 157.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 158.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 159.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 160.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 161.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 162.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 163.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 164.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 165.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 166.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 167.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 168.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 169.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 170.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 171.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 172.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 173.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 174.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 175.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 176.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 177.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 178.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 179.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 180.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 181.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 182.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 183.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 184.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 185.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 186.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 187.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 188.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 189.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 190.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 191.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 192.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 193.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 194.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 195.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 196.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 197.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 198.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 199.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 200.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 201.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 202.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 203.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 204.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 205.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 206.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 207.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 208.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 209.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 210.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 211.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 212.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 213.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 214.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 215.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 216.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 217.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 218.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 219.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 220.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 221.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 222.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 223.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 224.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 225.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 226.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 227.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 228.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 229.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 230.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 231.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 232.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 233.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 234.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 235.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 236.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 237.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 238.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 239.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 240.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 241.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 242.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 243.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 244.º edição... 10 milhão...
"O Príncipe de Viseu" — 245.º edição...

ENCONTRO COM CRISTO - *Paulo Setubal*

(Ilustração de ENDA)

abo de bem longa e de
verdadeira provisão, me
fazia aí com o Cristo
um ano, aíncio, que
mecei "realmente" com
Minha vida, quanta
enquanto, havia sido gozo
destino com aleva-
nidade. Eu era um
sócedor. Um vencido,
os olhos embracados de
grossas. Hora dura foi
a hora da minha vida,
a hora dura, entudo, o
aparecer de improvviso
novo caminho. Parecia um
m como os outros homens
de extraordinário. Mo-
strava apenas a aspecto cansado
e amanhara muito. Ves-
tia pobreza, tinha e ar-
tos mísias eram calvios, as
vinham empoeiradas do
caloramento. Ele pôs em
seus olhos. Dois olhos
"complacentes". E
os seus olhos, grandes
e negras, pensavam nos
olhos que lhe embra-
cavam grossas. Ele
de subito em meio da
Praça e disse: "Sa-
mou os que choraram
que serão consolados",
turados os que cho-
ravam exquisita palavra
e maior promessa! Ba-
tindos os que choraram,
"me um pouco mais
tar". Eu estaria nesse
mundo secundado. Eu
secundado e de baixa
estima. Eu respi-
rando secundamente e ne-
gativo. E disse: "Vou
afindiquei, vos que
o peso dum fara-
vende todos a mim. Eu
vou". Asumiu-me
o céu de lucres que
a alçar-me. Ele con-
Tocai o meu lado, se
aprendei de mim que
humilho e humilde é
o que se habitará dentro para
ma anima. Porém o meu
coração e o meu peso é
Curitiba-O, eu na mi-
ne estou, toquel-me com
as rãs a ou, lá é
"E pergunto-lhe o que
em sois Vós? Ele me dis-
se o caminho, a ver-
a vida". Que acento e
aconte daquela voz! Nunca ho-
mem nemhum fabra como aque-
lo homem. Cheguei-me total-
mente a Ele. Sintamo-nos um
ao lado do outro. Conversámos.
Eu vi, sem detener, que me ha-
via encontrado com o ango de
que carecia. Com o Jingle que
é hoje o meu melhor amigo.
O jingle supõe. O ambo
amigo certo da hora invoca.
Depois que O concur, depois
que O fiel de profeta, depois que
lhe segurei as mãos, depois que
lhe falei confidadamente, tudo,
absolutamente tudo, nascido no
muito existência como por en-
canto. Ele, quando me sentiu a
sua suadido, homem novo, quis
entrar na minha morada. Eu
lhe disse: Senhor, a minha mora-
da está arruinada e velha. Eu
sou digno de que entre na
minha morada. Mas Ele não
me ouviu. Veio. Entrou. Viu
a donzelado da casa, o encar-
tado das paredes, o halo das
alcoas, a sorriada do ar-
tume. Mas com a sua presen-
ça só com a sua presença, a
lourença casa, varanda e
se da praça. E trouxeram. Na-
ra. A sua grande dñe, um grande
só, perturbado pelo dia, o ar
e a gente e a gente, um suado,
humilhado todo de círco vivo,
dilei o sol entrou, o suado per-
o, carões mias e trás, e, conti-
nuou a suada hora do seu dia
e de fato fui meu colchão, Ele,
na sua ternura, soliou um hor-
izonte de canários a tocar com
migra no beiral da casa ve-
lha. E não com dire com essa
leitura da mata entrou. Ele, que
grava das flores sua silvagem
que não tem no mundo, entrou
a minha morada de lado
do campo, daquele Brasil que
não tem tão "desiderosamente",
tão espontaneamente, que
homem inventa. Sintamo, em total
a sua morte, não se vestiu ja-
mais como um anjelos. Dedicado
desde que há lá dentro,
na casa reféia, casa saudade, e
só em essa festa, santo Flores,
esse báculo cantando de passa-
ros, a felicidade veio, com as
suas leves asas de seda, tecer
silenciosamente o seu nicho
sinto sob o meu teto renovado,
mas humilde. E ali vive. Mas
que felicidade diferente da que

o voltar agora as meus olhos para o caminho percorrido, visto que não ao longo desse caminho encontrei alguma pessoa com quem que eu pudesse conversar. No seu momento exaltado e entusiasmado, nos momentos em que por circunstâncias avultadas e em várias ocasiões parecia que o meu destino era entrar a servir de alimento vivo, vivia um gosto adorável, que vivamente nos fazia imaginar no seu interior, a grandeza e a glória que desempenhava dentro. Essa verdadeira era sempre uma docura. Um sentimento de tristeza, de desolação e de pena em espírito, talvez

me rebolai tantas vezes da pataca que fui acordado que transgrevia as 25 milhas em 1988, e apanhava cerca de 2000 km de multas do mundo só por um erro. Mas entendo que culpei tanto, resultou por querer de mais, e sempre fui um bicho que quer, este erro é só tal - a minha culpa é a da desleixos de D. José - o caminho longo e difícil, mas obviamente de encorajamento para o futuro, se achássemos de tentar novamente, para tal vez por desespero ou se viesse para este remanso, sítio de consolação e



$P_{\text{out}} = e^{-\lambda} \approx 0.1$ when $\lambda = 1$

de Aracatuba, que é o de
migração selvagem, a trans-
ferência voluntária,
de que o "fazendeiro"
é também responsável.
Em 210, em que os peixes
se multiplicam, como se multiplicam
os bichos no inseto, é
que pelo excesso e pelo

Contra as femininas, ainda, o autor faz, por vez, dois diálogos, de "mão dupla", para designar o que acontece, quando se apresenta, o menor vulgarismo no seu discurso. Aí entra, como documenta, as crónicas do tem-

O padre Manuel da Nóbrega, posteriormente, fez um discurso de 50 páginas, para o qual, além do "Brasil", trouxe a "História do Brasil", que se constituiu em que significativa indagação sobre esse assunto. A discussão minuciosa desse tema era tão profunda que a Academia Imperial das Ciências chegou a importar a sua constituição quando. Dessa Ordem, nascem as propostas, em 1795, a impressão das "Memórias para a História da Constituição de São Vicente", de frei Gaspar da Silveira, somar à abundante encyclo-

de Aviñón, a qual riuem passava.
A Aragão se desviava a
dreta, i va cap a llevant,
i en dreta, unha riueta, no su-
bito de Monts, i en desplaçar que
steve, arribó na Fluvia, no
marge de Montalbán, que ten-
dia vila e faleva correntemente
i frant en un segudo dinosa, con-
pletamente americanita, no tem-
po de Ezequiel Flores.

São estes os desafios capitais do novo livro do sr. Paulo Sérgio. E é singularmente o meu objetivo, agora, contribuir para que ele ocupe seu lugar no atual momento literário, sobretudo,

lara que abr aproveite mais per-
sonalmente e seu belo talento
de narrador. O seu romance
é interessante e seu livro de avan-
çado a Saber a Jules Verne.
A Língua é sua, em suma, um
livro para todos os gêneros. Na
sua edição Doutor a História en-
trega como complemento, de modo
a levar até o final a contada a saga.
No último volume do seu
Panorama Botucatu seca o catálogo
de interesses sua verdadeira resumida,
a mesma facilidade em
descrever sem consulta as fontes,
e, no fundo, a mesma
despreocupação, seja na lingua-

REVIEW OF THE LITERATURE AND METHODS

Por esse motivo, é de admirável honestidade da Almeida Prado, e por isso, se eu ficar, também, pela incompreensão do que sabeiço melhor que já li, é certo. Seria, portanto, que o Dr. D. S. fosse, mas por piedade em mim, creio que o Dr. Duma, o magistrado, é, ainda mais, em que as nossas letras se mostram tão pobres de capitulos, tanto limpidos, ricos de ideias, e magnificamente literários, como o está.

(Critica — 3.ª Série)

O POETA" - CASSIANO RICARDO

(DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

quintas doles não choraram realmente, na-
turas, onde só tinham — é ainda a línia
do papéis do tempo — "por isso a
cita dos mitos e por isso a que lhe em-
brui a que os homens preparam "dias verdes".
Um dia, e ainda mais, o dia nato, trans-
feriu temas estratos das "litanias" no seu tra-
balho entre cidades europeias, não só no liter-
ário, mas também entre os mitos.

Se faz o Dubo Vello quanto aterro, batar
áruas dos rios, sonha irgues de Quixote?
"Interessante", ainda, é viver que a pro-
moveria a prova a hipótese da posterior
que essas fadas não houveram pas-
sado de fabelas. Num papel do inicio do século
este figura na arquivaria de S. Paulo, deixan-
do o planalto no domínio: "Invenio,
o planalto ao Poco; e isso não é fábula".
Que plástica a fábula, como lembrou Ale-
xandrina, e o fálico de tal modo que toda
ela contava a suposição fábula era indub-
iável. O próprio Pedro Bento se viu obstruído, na sua certa
de sua obra, a dizer o nome de "romance"
e falar de história. — "O romance da Praia" —
escreve o livro em cuja prefácio faz ele que-
stionar que não estaria sendo romântico
não entrar num "granal de fantasia, tudo
casualmente bicudo" se tanto quanto entado
na noite e embolando papéis do
e acrescenta, para melhor não parecer
a verdade histórica, sua e crua".

compreende-se. O pacifista, pelo ima-
gue há entre Paulo e os bandeirantes, foi
"vibra de ponto" entre o romance e a
Se a imaginação poderia ter levado aque-
la a tais excessos os emprendimentos num
a realidade plástava a fábula.
Mas beta asfixiada tremula ressônia
bons materiais e bons dano. Nem os tems
o "impuríssimo" do planalto, conciliando-
se prestígio lírico, obreiro e nomeadismo
heróicos do comunitário salvagem, pro-
romo primícias misteriosas" que lhes dava
a ilusão primitiva para o movimento.
Promessa feita à Nossa Senhora, a quem
devo desvairia os primitivos grânulos amar-
e encontro, na sua lama de sacar
safundou, e mais o esquecimento cultural das
indígenas, que ele as invadiu; e ainda e ex-
de inzer um dia da tropa curar essa a filha
que para cultar rias que lhe driblei a pa-
rente, a epidílio do Iure, "cavou fardo
de que os egípcios os cavavam"; no
padre Cardoso o rio, nascido junto do mar,
que te re a dânsa e envolvendo os mora-
res fizessem o mesmo; o excessivo demográfico
selvagem, gerando a necessidade das nô-
madas súplice Oliveira Viana — o chamado
— como remedio para a pobreza do pô-
so metálico das tabas e o dia das gentes que
a lingua geral o que havia tomado conta
de contra as noites taguins que haviam fi-
cado no menor deserto pelas regiões do con-
ceito de vinhedo de uma tribo contra-
anilhando a observação de Pedro Colmán —
que teria força suficiente para arrastar as
mais certas a dentro se não for a imagina-
ção lhes imprimiu movimento, erlando os mís-
tos e o próprio bandeirante sôlava bem inde-
cisão se incunhava de ir buscar e per-
filar contra monstros fabulosos.

Língua fônica, própria de uma raça de gê-
neros e imaginação que, por extor sempre assum-
indo elementos encantadores e metos, já queria
o expansionismo — só os deus atributos essenciais
ao bandeirante. O pianoito, com a sua pol-
itura, lhe dâ o alimento para a resistência fusi-
cária, onde reside o mistério. Ihe dâ o al-
ento da imaginação.

O ECONÔMICO E O MARAVILHOSO

Aliás, todos sabemos e sentimos o que, naquela
linda havia de humor na imaginatio dos "cal-
cos de ouro". Era ela quem presidia e instigava
o ambicioso âmbito, que nasce de "ambire", no sen-
tido de brigar, desejar ardenteamente, gerando,
pois, os mitos de riquezas e estabelecendo — como
se podia provar em minhas obscuras "Marcha para
Oeste" — a complexidade do econômico com o ma-
ravilhoso, que é a bandeira.

Contava que o índio, saindo do seu mundo fan-
tástico, disse a sua palavra mágica nos ou-
vidos do bandeirante.

"Ó tu, cabeça de pedra, barriga de ouro: tempo
em que serás destruído por causa do teu
ó cunha:

O monte, grande monte! do teu centro salta,
outro monte! ao teu ouro grande fome
dará! e neia, por sete anos, escudaria, pouca
fome! teu desabrochado pôtre sera. Ai deles
que pecam, morte tora!"

A cunha de ouro subia, ento, do pico do Ja-
neiro que era uma formatura ver. Subia mais um
e ia, em direção, poucar no Votorantim. O
votorantim tomava o rumo do Ipiranga e lá se ia,
mudando estreitas, pelo caminho, poucar no Bo-
taré, em Itapeinguai.

Em S. Paulo daquele tempo foton reproduzido
esta uma sibila "reflexão do Roquette Pinto" a
qualhuma era das indias. Deles recebiam os
fornos, mas histórias do berço ou naia da puerícia,
a influência da curiosidade que encontrou ótimo
terreno no substrato sonhador da alma ibérica. Mas

a mistura — acrescento — não era só do elemento
mítico com o português. A crusa abraçava tam-
bém o espírito cuja contribuição (batalha lobim
de Buçaco e os Camargos) foi notabilíssima no su-
perioritivo é de Taunay; mas famílias paulistas dos
séculos XVI e XVII. E é a mistura de mítos, por-
tuguesa e o português, não só dâ em resultado a pri-
meira geração de misticismos (que explicita o ban-
dianismo, do ponto de vista étnico-cultural), como
também da origem no ambiente indigenizado, aporta-
do mítico e o apocalíptico da época, tão próprio a
personalidade dos mitos. Encontraram-se, numa só
obra, o mundo mágico do p. mitivo, a variação do
o p. profético para o fálico (quixotismo) e a tensão
do p. profético para a残酷idade (miticismo).

O índio mítico, o espanhol fabuloso e o portu-
guês credendo de si a sombra mitológica necessária
para o grande império.

E pronto! cases três seriam capazes de dar mui-
tas voltas no mundo, atrás de uma pedra verde... .

MITOS A FRENTE, SANTOS ATRAZ

De certo que não era apenas a ambição a força
que impelia o grupo, certão a dentro. Os documen-
tos relativos ao bandeiramento aludem, algumas vezes,
a necessidade do homem do planalto procurar re-
mendo para a sua pobreza. Muitos tomam parte nos
grupos, sem dúvida, movidos por insólitas imposi-
ções da vida material e não apenas por acreditar nos
temores da fábula. São, porém, em última análise,
os mitos d'ouro, da prata e das esmeraldas (e
nisto Paulo Setubal tem toda a razão) que arras-
tam esses homens para o desconhecido. Em plena
marcha, quanta vez não viram os sertanistas, ao
longe, espiando pela lideira de riqueza, a sorte do
onco, a serra verde, a serra de prata e não cami-
nharam através delas, num formidável brinquedo de
expõe-e-concece em que as palavras "onde" e
"quando" nunca estiveram de acordo? Nem mesmo
o tempo e o inacessível das sertanias lhes atenuava-
vam, no espírito, o fascínio de tais mitos. Pou-
co importa que a tropa, vencida pelo cansaço, pelas
privações, pelas distâncias, por aquela "quando" e
aquele "onde" de que nos falam os documentos —
palavras de um estribilo trágico, dantesco — il-
lucrava refúgio a um farraço humano. Sobre esse
farraço de resistência e de elória desceem, não raro,
na noites estreladas, dos acampamentos. De dentro de alguma barraca estremecendo, um delta ve, de
nova, a noite de ouro subiu do morro mais próximo
e irrou, bela, como aurora, num morro mais distante. Pois basta isso para que, no dia seguinte,
aquele resto de gente se recomponha e parta em di-
reção ao caminho agora indicado pela risca mar-
vilhosa.

Quase sempre, antes de partir, o conquistador
faz o seu testamento:

"Peço ao meu Anjo da Guarda e aos santos de
minha devação que me acompanhem nessa
jornada."

E assim, mitos à frente e santos atrás, lá se
vai o bandeirante fundar uma Patrâia.

RAÇA DE GIGANTES"

Defende-se Paulo Setubal citando os documen-
tos mais velhos e veneráveis para provar que os
mitos existiram mesmo e, no entanto, provou coisa
muito importante ainda, porque é hoje uma verdade
sociohistórica: o deuso papel dos mitos na irrupção
das levas expedicionárias, ou melhor, no dinamismo
político-social da bandeira.

E se alguém o suscasse por se haver assim dei-
xado arrastar por esses mitos, como Montaigne e
Goethe se deliciaram arrastar pelos contos do nosso
sabreiro, poderia ele responder, singelamente,
apontando para o mapa do Brasil. Foram casos mil-
tares que arrastaram os grupos do literal terra a den-
tro e nos deram sua realidade, ou seja — o chão
que nos alimenta, a paisagem que nos cerca e a
Fronteira em virtude da qual existem geografia e
economia.

Surge, então, a pergunta que estamos acostu-
mados a ouvir: como explicar aquilo que o normal
das ações humanas não explica? Como aceitar que
foram homens como nós, naturais, comuns, quoti-
dianos, pedestres, aqueles brasileiros que afurram
de lado a lado uma geografia virgem e mon-
triosa, do tamanho de um continente?

A observação é inímiga do mito, diz Krappe,
mas quando ele própria não consegue esclarecer,
dentro de hipóteses normais, a razão de certos fa-
tos, recorre... aos mitos por indução (inferencial
myths). Assim, numa certa parte da Europa seten-
trional, existem unsas pedras enormes jogadas na
planicie. Na impossibilidade de admitir tenham sido
para ali transportadas pela mão do homem, os cam-
peões europeus acreditam que elas terão sido os
brinquedos de uma raça de gigantes depois desapar-
ecidos. São as pedras de Gargantua. Nas países de
cultura clássica, a Pérsia Meridional, a Índia, a
Grécia, o Oriente Próximo, a casa monumentos na-
turais se asemelham às ruínas dos aquedutos, e
antiquíssimos dos templos gregos, dos píramides.
Para mim, todavia, a conclusão que se atra é a
de que talas coisas não possam ser outras, sólida mente
o trabalho de gigantes de celestes. Os jardins exoti-
cos alentejanos, não a seres humanos, mas aos jardins
a contrário das pirâmides. Aquelas animais pré-
históricos, cujas esqueletos temos visto em álbuns
de paleontologia, já levaram muita gente a racio-
nar: se talas monstros morreram, só mesmo uma
raça de gigantes os poderia ter eliminado... .

Tais os exemplos que Alexandre Krappe nos dá,
em sua "Gênese dos Mitos". *

Pois a essa explicação é que recorre um sábio
como Saint-Hilaire ao maior conhecimento da for-
midável epopeia realizada pelas nossas conquista-
dores. Só uma raça de gigantes — disse ele — po-
deria ter cometido uma featona de tão heróicas
propações.

Taunay os chama "conquistadas". Artur Orlandi
es compara as armadas. Quanto, mais modestas,
os chamam "cavaleiros de mitos selvagens".

O PORTA "QUE SE DEIXOU SER"

O empenho que Paulo punha em não passar por
ponto, quando dizia a verdade, não o impediu de
ser poeta.

Nem que o mito quisesse, e só pelo fato de trans-
crever os documentos que si eram poesias, já o autor
de "Sonho das esmeraldas" o teria sido.

Tendo sido, deixou-se ser. E é esse, previsamente,
o segundo aspecto de sua personalidade por
aini referido logo ao começo desta palestra. Ao poeta
"que se deixou ser", devemos a "Alma cabocla",
um poema simples e encantador de nossa democrá-
cia rural. E manda a verdade declarar que, "deixando-
se ser", Paulo não teve dificuldade alguma em
fazê-lo; ao contrário, só o fez com extrema facilida-
de. Não direi que se tratasse da conhida facilida-
de que decorre da falta de conciliação poética. De
quem caminha sem encotrar obstáculo. Sem se-
quer o que há de grave em ser poeta. Direi que a sua
facilidade era aquela a que chamamos naturalidade,
espontaneidade; e não a facilidade dos afetos.

Como uma árvore se deixa ser árvore, dando flo-
res, ou como um passaro que sempre o seu destino,
gorjeando, é que Herodoto que o homem, antes
de falar, cantou como um passaro assim Paulo Setu-
bal se deixou ser poeta.

Se há, nessa fase, algum mistério na poesia de
Paulo há de ser o da propria inocência. Tudo é gracé,
enfiteutico, alegria de viver, naquelas paginas
matizadas claras, bucólicas, que nos deliciam em
"Alma cabocla". Um problema grave de técnica, um
pensamento subterrâneo, uma vocação para sondar
a natureza mais ou menos primitivas — não perturbada
não amarrada a limpidez do seu poético sob esse
signo. Setubal escreveu os seus poemas festivos —
presentes de alegria, ramos floridos que ele nos ofer-
te. Ao término de uma frase carnavalista, prefere
Paulo uma graça, um ditado pitoresco, uma expressão
tipicamente brasileira. A sua poesia respira, enfim
não o mistério do incompreensível mas o ar puro
das campinas e das fazendas que falam a delícia
de um Chateaubriand, quando nos fala em forma de
convivência campeã, ou de André Rebouças quando
se deixa nas suas concepções idílicas sobre
democracias rurais.

Vejam, por exemplo, com que facilidade e co-
lorido ele nos descreve uma festa de S. João, num
fazenda do interior paulista:

"E' noite... O santo famoso,
o dono, o mestre S. João.
Torna com gincane,
todo o bumba e o gongo,
que contou a vida o mês da.

Céu, por entre os clamores
e os barulhos do povoço
fazendo cantar de flores
um encanto de vivas cores
sobre o mundo do céu.

E agora, enquanto palma
a noite noite liberto!
toda a festa se agita
nessa alegria infinita
da festa tradicional!

Dentro, com grande aperto,
bomba, entrelaçado, o salto:
que há, nesse festa de mato,
pessoas de fino trato
chegadas para o S. João.

Destaca-se entre essa gente
a flor da elite local:
o padre, o juiz, o intendente
— o próprio doutor Viana
que é deputado estadual.

Ante o auditório passado
que, num enredo, sortil,
a Isabellinha Machado
batuca, sobre o tecido
uns troços do Guarani.

E tudo quanto assomava
recebeu inúmera ovatação.
Todos, quando sia termina,
pôem-se a exclamar: que menina!
que gosto! que vocação!

E ela, entre lugumes e brejeira,
com ars de se vingar:
"Assim, assim eu não queria,
sei Satiéneus. Perdeu,
há de ter de volta rolar".

Surge, à foza, o Saturnino...
Rancho pulmão em rede:
é um jardim escondido e bonito,
que sabe desde montanha
dizer Castro Alves de cima.

Na sala, ruiva e branquinha,
rotundando os ventos grossos
e alto, o tecido da vila:
em som de vela Dalla,
diz: foi desgraça, meu Deus!

Após ouvir a estupenda
história do seu falar,
no amplo salão da fonda:
"Coelhos na pag. seguida"

A vida de Paulo Setubal

REGRESSO A SÃO PAULO -- Paulo Setubal

(Continuação da pag. 253) a história da perdição. Era um dia ventoso, vento que puxava cada vez mais a melancolia de Setubal, que sentia o desespero, o desânimo, que Setubal recordava com muita estranheza, quase com a desgraça que lhe teve para a mulher.

Mal se haviam tempo da Confissão dos pecados, e renova, nascia em São Paulo. Vai iniciar uma nova carreira. Tem apenas vinte e dois anos, e a consciência é momentânea, embora não desapareça de protegê-lo nenhuma promessa publicada na capital.

Dirá trouxe a gripe espanhola. Paulo Setubal vai para a cama com uma terrível gripe pneumônica. Esteve bem próximo da morte, mas conseguiu levantar-se. Ainda se achava na convalescência, quando o médico proibia a sua permanência em São Paulo. Partiu, então, para Lages, em Santa Catarina, onde morava o seu irmão mais velho. Setubal tornou-se, logo, um dos melhores advogados da cidade. Meteu-se, porém, com mulheres perdidas e apaixonou-se pelo Jogo. Afinal, cansou daquela vida desregrada e regressou a São Paulo. Principiou a trabalhar num escritório de advogado.

Aí se dá a narração da vida que o próprio Paulo nos dá. O livro se interrompe nessa altura.

Se o tivesse continuado, Paulo iria falar-nos de outras colas, igualmente interessantes. Contar-nos-lá o seu fulgorante retorno na vida literária, com a publicação de "Fábulas que obtiveram um êxito colossal em todo o Brasil, como a "Migração do Santo" e as "Mágoas da Imperador". Contar-nos-lá a história do seu casamento com uma mulher que ele amava tanto e cuja imagem suave se reflete em tantos dos seus poemas. Contar-nos-lá também a história de seu momento em que foi deposto... Sobre esse último episódio assim se refere Alentara Machado, no discurso em que recebeu Setubal na Academia: "Muituram, é certo, os mal-falantes que há tempos descrevem vagamente um vago mandado de depósito. Tão rápido, todavia, e discreto, tal esse combate com a política provincial que não desteve aquerir ao povo o direito e o prazer de vos ver ingrato". E, finalmente, Paulo nos conta o episódio de sua eleição na Academia Brasileira, na vaga de João Pinto.

Foi no desenvolver dessa campanha eleitoral que eu tirei a felicidade do aproximar-me de Paulo Setubal, e de fazer-lhe, um dos meus mais queridos amigos. Que doce, generoso, elegante concorrente, foi-me ele!

Agora, que escrevo estas linhas, quanta reminiscência grata e melancólica vem ao meu espírito! E como é uma satisfação para mim lembrar que fomos aquele pleito como dois amigos, combinando que o que ficasse vitorioso haveria de ser, no futuro, o campeão da vitória do concorrente! E isso aconteceu, de fato. No dia de seu triunfo, Paulo Setubal procurou-me. Naquele dia havia ocorrido, o falecimento de Humberto de Campos. Setubal fez, então, um rápido movimento de estratégia acadêmica. E posso dizer que a ele, à sua felicidade de companheiro, devia viria que vim a ter depois.

Desses e de outros episódios nos falaria Setubal, se os destinou tivemos deixado prolongar-se, para o encanto e a edificação dos leitores, a narrativa da história daquela vida. Mas a morte imobilizou a mão do escritor, em meio ao trabalho.

O fim de Setubal foi santificado pela resignação. Era tenebroso, mas longas quando dizemos alguma coisa.

A sua enfermidade, teve de a horas do seu sofrimento. Tomava, particularmente, de um cravo dia em dia, na casa de Goulart de Andrade, no encontro com Paulo Setubal. Na cadeira de balanço, encantado e culto, Goulart sorria à sua triste sorriso. Setubal, que ria com todo nervo e envergonhava, com aquela risada sincera, que riam todos os convidados de sua permanência. Ao lado de Goulart, de Andrade, dava Formidável, a compassada cheia de piedade e de amor, permanecendo atenta ao marido enfermo. Era essa em 1935. Dois anos, ou mais, se passaram e tinhão juntado, quer no meu tempo, e depois escritores que, no me e os atores, solitários, haviam sido a divina condescendência de tornar a encontrar o Cristo?

A página do encontro de Setubal com o Cristo, é das mais convidadas que comigo, na literatura brasileira. "Ao cabo de bem longa e de bem luminosa provação — diz-nos Setubal — eu me encontrei alí, com o Cristo. Faz um ano, amanhã, que me encontrei realmente" com o Cristo. Minha vida, quanto eu o encontrei, havia sido golpeada pelo destino com selvagem ferocidade. Fui eu, um incenso solitário, um vencido. Trazia os olhos embracados de lagrimas grossas. Hora dura foi aquela hora da minha vida. Naquele horário dura, contudo, o Cristo apareceu de imprevisto no meu caminho. Parecia um homem comum a outros homens. Nada de extraordinário. Mostrava apetite e esgotado, cansado, e quem caminhou muito... Eis os olhos em mim os seus olhos. Dois olhos grandes e compassivos... Convalecemos. Eu vi, sem dúvida, que me havia encontrado com o amigo que é hoje o meu melhor amigo. O amigo suprime. O único sopro certo da hora incerta. Depois que o conhecí, depois que o fiz de pé, depois que lhe segurei as mãos, depois que lhe falei confidadamente, tudo, absolutamente tudo, mudou na minha existência como por encanto.

Desde então, desde que me ia dentro, na sua cela reféa, essa sonda, essa sôa, essa festa, essas flores, esse bulício cantante de passaros, a felicidade veio com suas leves e súas de seda, tecer silenciosamente o seu níbilo. Isso sou o meu tetra reinado, mas humilde. E ai veio. Mas que felicidade diferente da felicidade que o mundo sonhava! E uma felicidade estranha. Felicidade que os homens, correndo atrás de felicidades e voluptuosidades, nem sequer suspeitam que existe. Felicidade que é felicidade na ventura, mas muito mais feliz na desventura. Felicidade que é felicidade na alegria, mas muito mais feliz na tristeza. Felicidade que é feliz nas horas de docura, mas muito mais feliz, infinitamente mais feliz, nas horas do sofrimento. Sim, nas horas do sofrimento. Sim, nas horas da cadeira de lona, é dádiva do céu..."

"Meu pobre irmão da cadeira de lona..." Paulo Setubal escreveu o seu "Confessor" a pensar em outras lufezas, como ele tuberculoso, conhecidas a inação, vence a luta dos dias apagando-se lentamente, na dissolução irremediável dos pulmões.

Sua conformação diante do sofrimento está a levá-lo a fantasia a figura de outro enfermo, igualmente resignado aos ditames de um destino cruel. E essa figura é a de Goulart de Andrade. Também gravemente doente, também reduzido a um pobre trapo do que fomos outrora, José Maria passava as horas diante de um largo quadro do Crucificado.

Estava que conversaria com a

felicidade sem qual de valer teria, particularmente, de um cravo dia em dia, na casa de Goulart de Andrade, no encontro com Paulo Setubal. Na cadeira de balanço, encantado e culto, Goulart sorria à sua triste sorriso. Setubal, que ria com todo nervo e envergonhava,

estava de novo em São Paulo, lhe sucedia a desgraça de estar a trabalhar tortemente no terraço, tendo nela, e um tanto, a circunstância muito espantosa de muita vida longevo que a sua vida, sobretudo, para mim, era costada — passar gravissimamente. Para mim, sobretudo, para mim, que perdida a fé, que vivia a Deus, com o coração encorajado, para mim, a fé de ganhar deus, para mim, aquela fé que é a fé de um escrivão de todo o resto, Nunca se recusa a demanda alguma. Vi então, e hoje vejo mais do que nunca, que não há profissão mais perigosa para uma alma do que a profissão de advogado. Esses homens que lidam com o direito, no verem, todos os dias, o quanto é falso, e irrelevante, e barlavento o "dar a cada um o que é seu", vão se tornando, com o correr dos anos, de tal maneira céticos, de tal maneira descrentes da justiça, que defendem com a maior sem-cerimônia os que não tem inocência, e, certamente, sem mais peso na consciência, encontram sempre um direito vago para proteger os que não tem direito. Eu vi turmas, que haviam sido mestres de matrizes e de bairros, turmas de mãos suadas, abrem falecendo hoje, e amanhã, graças a um advogado bom (!!) instalar-se com grandezas de na vida. Vi italiani (quantos!) falecendo hoje, aparecerem amanhã enlameados, tornarem a falar, tornarem a aparecer com mais opulência ainda. Para o consaguir, no topo, na casa da Justica, na mesma casa augúria dessa deusa que traz a sorte das causas humanas e divinas ("Reum humanarum aliqui divinorum clientia") dão-as a mãos — tão desbotadas e a chicana dos homens! — mãos, desprotetoras inveteradas, a rotacionar a fraude, a velharia, a venuerdade, a corrupção, a roubalheira, e várias outras habilidades de unhas afiadas e raiadas. Um moço que tem esse medo debaixo dos olhos, mesmo que, providencialmente, não

Concede-se muito feliz porque vai ver a Cristo. E a um dos seus intuintos pede que olhe vez em quando, a para cima. "Olhe para cima. Eu lhe estarei..." No dia 4 de maio o suplicio teve fim. Foi essa a vida e foi essa a morte de Paulo Setubal.

O livro em que ele procurou contar-nos sua biografia, tem-nos aí o leitor, resumido no artigo que acabou de ler.

Ha, porém, páginas em "Confessor" que não poderiam ser resumidas: São aquelas em que Setubal narra as melancolias, as esperanças, os enívios de sua alma. E sobretudo aquela página suavissima, tão limpida e comovida, em que ele relata o encontro com o seu Amigo, o encontro com Jesus Cristo. E' preciso lê-la toda, para sentir o seu deceitante.

A narrativa

de Paulo Setubal

ficou, como se vê, interrompida em meio.

Parece ser

um destino fatal, reservado aos livros desse gênero no Brasil.

Graca Aranha iniciou a história de sua existência. A morte surpreendeu-o, quando ele escrevia o livro, e assim não podemos ver o quadro daquela bela vida senão até aos dezessete anos. Com Humberto de Camargo aconteceu mais ou menos a mesma coisa: as suas "Memórias" pararam quando o escritor ainda estava adolescente; a morte não permitiu que ele levasse mais longe a narrativa.

Paulo Setubal

foi vítima da

mesma malédica da morte.

Da

morte, eu diria talvez melhor, da vida. Nosso espírito é ainda muito rudimentar para que possamos saber exatamente o que é que queremos diger,

Quatro estudos sobre Paulo Setubal-

ALMA CABOCLÁ

É realmente um bom poeta, no momento, o sr. Paulo Setubal. Nas, como é difícil agradar sua crítica! Se aqui um poeta é elogiativo e admiere, preferir-lhe que seja um pouco mais, ou mais simples. Beleza só é poesia, não simples como eu, logo é-lhe vira a menor elogio que lhe simples de maior em rusticidade avistava.

O melhor é preceituar da critica e tanto unilhar a espontaneidade da invenção.

As noites estamos enganados o sr. Paula Setubal lisonja redobrada em poesia "descobertas" das canções de Júlio César Varela, como é natural, "da Canção de Paulo Afonso", de Coimbra, das versões ingênuas de Bruna Leal, e talvez de Thérèse, Tom Jaime.

Asas excentricas medievais parecem inspirado o sr. Setubal

*Minha terra, na qual eu abriguei
Cem que sempre conto,
Eu dando vida ao mundo
Só que a este jardim é
Cantado da tua terra.*

*Que voz que responde ao berro!
Com a alma ansiosa a chorar
Eu canto os meus de milho
Por este samboso trilho
Que a minha terra em dor.*

Assim volta o poeta barcharel a casa paterna, cheio de perturbadoras imagens:

*Em quanto sem mais demora
Uso-me servindo a ti
Rejo-a sala de ouvinte
Com a mesma Nossa Senhora
Ao lado de São José.*

O barcharel vem refazer a saude no romance buônico de uma casa, e carta como Torreiro, a beleza, a ingenuidade, as roupas, enfim, a poesia norma da vida idílica-pastoral.

Passam em revista os colmos, os trepões, a velha Nossa Senhora e a Cidiquita, que é de fato bonita, segundo a rima e a verdade.

*Não há felicidade que perdure
Como o dulcior amor dos...
E assim sem que ela o compreenda
Chiquita é só da paixão
E a festa de todos nos.*

Desse um romancista americano, H. James, que depois de evocar muitas as complicações travessias de todos os perfumes, a som entím que o melhor de todos e o simples frescor, o eterno, que é a alma despedida e nua de todos eles.

Passar-se, em meio de tantos artificios estéticos, para trazer-nos um novo livro do simplicio e ingenuidade como o desses — Vina Cubas.

Convém, entudo, não acutar, a fascinação do contraste, por razão casual. Um tradicional, antigo clássico, escrevem no princípio de um velho livro: «O mal e o direito, como dizia Plínio,

Não era mister que o diosso o grande naturalista.

Todos sabem, mas o excesso de mal é aborrecido e fatigante.

A Alma Cabocla — com tanto que não evangelize e nem

faz escola, é um livro excente que nas lacras da erudição poética, é uma "viagem", deve ser rápida e só de tempos a tempos.

(Imperial — 1-6-1943)

II

"AS MALUQUINHAS DO IMPERADOR" (1)

Paulo Setubal é um nome feito desde muito tempo. Tive, quando escrevia o "O Imparcial", a oportunidade feita de rogar-lhe os seus versos de estimada naturalidade, inspirados nessa estória de nossa terra, com o ritmo saci da poesia pastoral.

Mais tarde, após esse excedente poético, que é sempre um depósito preliminar nos preceituadores, passou a escrever romances, ficando, pois aliado, à inspiração do interesse que lhe conferia o amor da pátria.

É certo que ele o entende ao seu modo, sem "patriotismo" dominante ou político, mas pelo simples prazer de respirar no ambiente familiar.

E suntuoso nos seus livros, mas sem ênfase e sem retórica; conta os grandes vultos e as grandes intrigas amorosas; os principais, as princesas, os heróis e seu material psicológico de observação através das crônicas, das anedotas históricas e um tanto (as vezes exageradas) da sua fantasia.

A esse caráter pertencem os romances de "Nassau", e da "Marquesa de Santos" e, agora, os "Maluquinhos do Imperador". Provavelmente, éis das suas romances de D. Maria II e o de "D. Antónia" e os "Bandeirantes".

Nem sempre há romances nessas prosaicas personagens mas Paulo Setubal dá-lhes as tintas e fa-los falar o que não querem. Assim fazia um pintor que se descreve no "D. Quixote", a quem perguntavam se estava pintando uma pessoa ou uma tábua, tão confusa era a morte-côr;

Eu mesmo não sei o que estou fazendo (respondeu). E o que sair!

Ora, os quadros de P. Setubal acabam sempre bem, agraciados a dezenas de milhares de leitores (há dois seus livros cheios que vêm 30 milhares) e ensinam a nova história com muita verdade e poesia.

Sem dúvida, são os criticos minuciosos descobrir defeitos e anacronismos, como poderiam descobri-los na idade média de Walter Scott. Os historiadores graves não estão isentos de tal lazo. Rocha Martins, que escreveu o "Último vice-rei do Brasil", livro de excelente erudição, deixou escapar um minúcio que D. João VI desembocou em Copacabana!

Há muita calunia panfletária, que os historiadores devia esfoder ou excluir severamente, dos seus livros.

O certo é que a história e a lenda se misturam e, mesmo no seu encontro, se combinam, tornando inseparável uma certa. Os amores as aventuras eróticas e as falcatuas de Pedro I

eram quase inevitáveis num imperador mal educado, de vida e paixões ásperas, sem pai nem mãe, casado com uma alema feia, preocupada com a raiva e a flora americana, e refeito de austeridade, proscrição.

Parece que a lenda ainda fica muito longe da verdade naturalística do homem que amava os bons cavalo, as bandas de música e as mulheres, enquanto lhe preparavam, na hora, o império e a Constituição.

O livro de Paulo Setubal é verdadeiro e verossímil, mesmo sem a resenha de "Maluquinhos". É um romance folclórgico de história popular do primeiro imperador, no que ele tinha de mais prazível e mais rithmo.

(Jornal do Brasil, 7-7-1943)

III

"OS LIVROS DE HISTÓRIA" (2)

Paulo Setubal é o mais rico e o mais popular dos nossos romancistas recentes. Cedo muito entusiasme e que não havendo "patriotismo" para os romances patrióticos ou sociais, de tempos antigos, os romances históricos entre nos tenham grandeza, tal é sua força.

Os romances de Paulo Setubal são extraídos nos milhares em edicões sucessivas e em séries, a "Marquesa de Santos", conta já cerca de 400 exemplares em circulação.

No detalhado, explícito seu extraordinário éxito. Deve de haver motivos motivos, certamente um dos mais poderosos é o da sua arte de escrever, de simplicidade eloquente em estilo amadissimo, ilustrado ao mesmo tempo que são bem arquitetadas as suas histórias, atingindo que as vezes faltam a verossimilhança, e que é bem mais grave que faltar a verdade.

Muitos dos seus entusiasmos e tecem aruado de erros, violos e sonorismos. A pecha é quase inevitável nos escritórios da história, e no romance, mais fundada razão.

A verdade é que as minúcias narrativas desaparecem e fica a memória dos grandes feitos. Assim, quem quiser, luxuoso a avidez e monotonia dos documentos, conhecer o que era uma "bandeira", lhe essa de Fernão Dias, o tipo escolhido para aquele arrumo de expressão, devê-lo a rica nova das memelucias paulistas.

Como observa o autor a propósito do tema da expansão e conquista do território, uma vez que os "bandeirantes" não se fizem ermidões, o romancista tem que imaginar tudo e deixar a fantasia a amplitude de seu voo.

Creemos que Paulo Setubal conseguiu interessar os seus leitores, sem sacrifício da verdade histórica no que ela tem de essencial ou mais apreensivo. Ele narra com a delitosa incerteza do homem que perde a memória dos acontecimentos maiores e os recupera em largas sinteses idealizando-os com grande mestria e autoridade poética.

A sua prosa é comunicativa e não altera nem distrai a paisagem com estilos impropreios. Pode dizer-se que observa tão bem quanto imagina, vivendo a vida de outrora.

Esse aplauso revela-se no segundo livro, o dos "Bastidores da História", em que qualquer dos capítulos podia ser ampliado em outros tantos romances. É possível acusá-lo de frequentar nata assiduidamente do que lhe convém a especialidade do "romance histórico", devendo por mais largo intervalo de repouso para se consagrarem ao estudo da história, afim de rebater algumas investidas da crítica nem sempre justa ou impertinente.

A verdade, porém, é que Paulo Setubal tem serenamente vencido todos os obstáculos e é hoje o romancista que queria ser e que gosta em contestar as suas grandes dores de espírito e de imaginação.

(Jornal do Brasil, 16-1-1943)

IV

"OS OUTROS LIVROS DE HISTÓRIA" (3)

Estavamo-nos já com saudades desse romancista popular da nossa história, quando nos chegaram os dois volumes da epopeia consagradora a uma parte dos bandeirantes, no seu extremo avanço para cair, para as terras de Mato Grosso.

Desta feita, principalmente na primeira destas obras, o contexto histórico previne acentuadamente sobre o quinhão de romances que animava as fachadas por vezes cruéis dos desbravadores do alto Paraguai. O "Ouro de Cuiabá", muitas fontes e achados de Pedro Taques a Washington Luiz e a história do famoso Pascoal Moreira, dos seus assessores e dos inimigos que teve truculentos aliados e ferrosos. A crônica cintreia com os Pires dos Campos grandiosas caçadarias de índios que acabaram trincando a avidez de escravotradade pela de minifíos do ouro em que a princípio não cogitavam.

A biografia de Pascoal Moreira é que constitui o cerne dessa história terrível e sanguinolenta. A viagem até o poiso de Coxipo, o contacto com os coxipenses, o ouro, enfim, constitui o magno mimo dos seus capítulos. Pascoal Moreira acabou justamente, devendo, velho de mais para resistir à onda de novos aventureiros.

Algumas contas que se seguem nem perder o contacto com a crônica principal dão o fecho à história.

No segundo volume — "Os Irmãos Leme" — verdadeiros fáscinios que encontram sulco não menos terível Sebastião do Rego, formam o entretejo da nova história que é tão atraente como a primeira. É o tempo de Rodrigo Cesar, tanto nun como noutro caso, o governador geral, que, sem embargo da sua descrença e urbanidade, não pode conter o tumulto que de todos os portos acorda, o desecramento das minas.

Os dois livros são interessantíssimos, não só pelo carcar histórico das personagens, mas principalmente pela magia evocadora do romancista e historiador que é Paulo Setubal.

Naturalmente, os dois volumes novos terão o éxito que sempre acompanham as obras do nosso romancista que tem feito ressurgir palpitações, os acontecimentos da nossa história colonial.

(Jornal do Brasil — 24-5-1943)

(1) Paulo Setubal — "As maluquinas do imperador" — São Paulo — Companhia Editora Nacional.

(2) Paulo Setubal — "A Rendinha de Bernardo 1760" — São Paulo — Companhia Editora Nacional.

(3) Paulo Setubal — "O Irmão Leme" — São Paulo — Companhia Editora Nacional.

(4) Paulo Setubal — "O Irmão Leme" — São Paulo — Companhia Editora Nacional.

(5) Paulo Setubal — "O Irmão Leme" — São Paulo — Companhia Editora Nacional.

(6) Paulo Setubal — "O Irmão Leme" — São Paulo — Companhia Editora Nacional.



Ribeiro João
Setubal, na seu jardim de
condensado (1933).

ALMA CABOCLÁ

(Trecho de artigo)

BRENO FERRAZ

"Alma Cabocla" é um livro feito, e que se destina proua ao seu numerosíssimo público, a mais bela carreira. Reúne-se de um verdadeiro poeta, correspondendo a extraordinária vocação de leitor, é também a realização de uma obra estética, ate agora ignorada, a falta de quem arrolasse os riscos de intelectual com o de Paula Setubal, senhor da sibilação e de si mesmo, não descendentes do teatro, não temas a aventura. Despreza de preconceitos, buceava a poesia onde ela está. Simplesmente, sem artifício, sobrejacendo, com arte e, se não no sentido, todo o que può a sua pena, oferecendo o basteleiro para que o trabalhos entre os célos.

De inspirações abundantes e elongação fluida e abundante, os seus versos respeitam o mais doce instinto, um distante de todo a poesia, um saber de vida, de gosto, de perigo. Mas, com tal descrença se põe o poeta que nada ha de que lhe agrade. Não confundindo studo com desleixo, perfaz bem, retratando melhor.

E, assim, integralmente, o poeta do grande público. Por isso, ha de ser grande, grande devendo ser o seu papel em nosso meio.

A sua orientação é obvia e fecundíssimo. Nem se dirá que representa um retorno à velha poesia de Fonseca Varella e Alves de Azevedo, uma literatura isolada e ocidental, que por si mesmo interessa serem, a folha de fundamento no ensinamento literário nacional e de menor mérito precioso.

Não ha tel. Paulo Setubal cela com as mais modernas correntes literárias, que encantam, todavia, a iniciação para a própria poesia, em sua simplicidade e nudez, tendência já antes da guerra, solidão e, depois dela, aventura em terra a luta. E a autonomia poética, livre de estímulos, personalizada, que se vai desenhando em toda a parte, como a unico e verdadeiro princípio da arte.

Em suas linhas gerais, poss. "Alma Cabocla" está perfeitamente em dia, só uma restrição se lhe faria neste sentido. Abandonando-se ao mar largo, em que lhe bem e rutilosamente navega, podia o poeta — sem se apartar de seus princípios — cobrir um pouco as velas... Denuncia das próprias normas e que a elas, as quais são as mais largas e comodas, ha matrac para uma nota pesada tortuosa. Mais que, ao vestir os novos papeis Paula Setubal se dirige por decisão oriental, não só o mesmo das relações entre o autor e o seu público. O poeta transfigura com o leitor talvez um pouco mais do que convinha a ressalva da propria identidade pessoal.

Assim, "Alma Cabocla" não é a ultima expressão das poesias (continua, na página seguinte)

PAULO SETUBAL — Helio Lobo

A Academia Brasileira não tinha à memória, a quando pôde, leitura sem recordação de Paulo Setubal, seu antigo companheiro que por longo tempo passou a conviver tanto a céu com sua dona quanto no cemitério.

Neste seu horizonte, como se anteriormente se quisasse descrever, sentia a sua magia, o seu encanto, para o "admirador da cultura", onde se dava ao homem, algumas das horas de fona, suas e as pernas meninas. Não era só da nacionalidade. A

havia ali desdor, nem vilania, mente seu pensamento; o per-

confesso humilde. Ao contrário. Havia nele, embora tímido,

embora seu relvado, um entusiasmo que fazia gafanhoto.

Queria Paulo que nenhuma de

seus compreensões de "fádario

certo" lhe duramente corrige-

do, deixasse de sentir que

conhecia da matéria a correr, es-

tava o espírito, a redimir.

E que não desconfiava e havia

conduzido, através de apertos

caminhos, a presença de Deus.

Eu era um intendente adutor,

confesso confuso. Trasava os

olhos embracados de jargamais

grossas. Hora dura foi aquela

da minha vida. Naquela hora

surte, o Cristo apareceu de im-

proviso no meu caminho. Pa-

recia um homem como as ou-

tras homens. Nada de extra-

ordinário. Mostrava apenas o

aspecto cansado de quem cami-

nava muito. Vestia só com

pobreza. Tinha o ar doce, as

mãos eram calosas, as vestes vi-

lidas empoeiradas de comprida

jornadeiro. Ele pôs em mim os

seus olhos, tão grandes e com-

piacentes olhos. E quando acus

outras, grávidas e complacente-

s, ensaiaram em meus olhos, que

eram embracados de lagrimas

grossas. Ele parou de súbito em

meio caminho. Foi-se e disse:

"Bem-aventurados os que chor-

am porque 'ão serão consola-

dos'".

Escreveu Paul Setubal, num

escrito seu, na parte final deste livro, que

não se tratava de conversa, mas

de um regresso. O temperamento de Paul, desde minimo,

com efeito, toda de intelli-

gência moral e vibração humana.

E por模仿 que o atrairam

as paixões do mundo, e pelas

desbordos engolidos de cor-

ação cheia, nunca deixou de ser

o criador que sempre foi. As

estardes não se escondia: "o

mundão era belo". Havia nesse

mundão teatro, bailes, restauran-

tes. Havia também muitas ambições, oh, muitas mulhe-

res! De par com isso, neste en-

volvimento de minha mocida-

de, loucas patucandas foliosas,

os companheiros desabafados.

O encanto maior deste livro

está em que, sendo algumas de

suas páginas de um grande

realismo, o suave espírito do

autor lhes expressa pura

estrutura. A bondade é "o

mesmo, a maior força do mun-

do, ainda quando contradita

por obstáculos temerosos". Tão

bela quanto seu encontro com

o Senhor, é a narrativa de suas

aventuras em Campinas do Jor-

dão, "paixagem estupenda de

Silva rústica", ou o roteiro de

Lages, "clima pacífico, é certo,

mas animado num espírito de

corro, com vento boas e aero-

hedora", quando, sangrando o

nariz na guerra de 1914, "de-

saçada e raudadora", ele praticava

com idéias exaltante vi-

ços e virtudes. Assim também

a evocação de Seu Chico, o

professor de Tatui, a terra na-

tal, com "seus arredores sem

morrão, os seus campos esparala-

dos, as suas ruas de feijão, os

seus mimosos emboregados"

e retrato da mãe, viva calada

e santa, com tantos filhos pe-

quenos a emprumar para a

vida, a quem ia reiterada-

mente.

O volume, edição desta Reedi-

ção, traz belíssimas Ilustrações de

Pinto, que, singrando-as a molti-

mosas maneiras nacionais, com

inteligência escondidas em nossas

lulas, realizam obra original e de

alta arte, reveladoras de um

forte temperamento de "nova-

dor". Na verdade, transformar

guigardes assim a samambaias

e bananeira em expoentes de

beleza, é alguma coisa chocante,

admirável mesmo.

(Rev. do Brasil — Set. 1940)

guarda para sua saúde frágil.

Sua dona Francisca, Paul Setu-

bal encontrou quem lhe pro-

longou a vida de cristal, para

os primros que nos deu. Glori-

osa anônima, não teve sempre,

no seu devvelo e no seu

infinito, o respiro dos ho-

mens.

Livro profundamente huma-

no. "Confiteor", é, segundo o

admirável prefácio de Luiz

Pranca, "uma mensagem pa-

ra os que chega velada com a dom

da vida e a sinuosidade da mor-

te". Goulart de Andrade leva-te". E, por isso, há de per-

derem dona Fernandina e anjo da morte.



ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS



JOÃO FERNANDES VIEIRA
Fernandes Vieira. Ilustração para "O Príncipe de Nassau", de Paulo Setubal.



HENRIQUE DIAS



ANTONIO PHILIPPE CAMARÃO

Walter Rodrigues. Antônio Philipe Camarão. Ilustração para "O Príncipe de Nassau", de Paulo Setubal.

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA -- 1.ª Série - Antologia da Poesia - VIII. Vinicius de Moraes



Vinicius de Moraes, numa traço de Mário de Andrade

VINICIUS DE MORAES

Vinicius de Moraes nasceu no dia 22 de Junho de 1913, na Rua Lopes Pio, lado paralelo à Rua do Catete, no Rio de Janeiro, em 18 de Maio de 1913. Foi filho de Mário Moraes e Cecília Pereira da Silva Moraes. Filho de Mário Moraes.

Vinicius passou a primeira infância na Gávea, na chácara de seu avô materno, coronel Santos Cruz.

Aos três anos mudou-se, acompanhando a família para a Ilha de Governador, onde residiu até 1925. Bacharelou-se em literatura pelo Instituto Tomás de Aquino, em 1932, prêmio tendo sido o de melhor estudo. Dirigiu no colégio um pequeno jornal, e escreveu, de passarão com um colega para quem iniciou a sua carreira, tornando-se professor, naquele mesmo ano, estagiário de Júnior de Andrade.

Em 1922 iniciava-se a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, onde se formou em 1933. Sua obra data de 1932 com a publicação na revista "A Ordem", de seu longo poema "A Transfiguração de Montanha". Em 1933 saiu seu primeiro livro, "O Círculo para a Distância", e em 1935 era laureado com o prêmio municipal de poesia da "Sociedade Filósofa d'Oliveira", pela publicação de seu segundo volume de versos, "Forma e Exegese". Em 1936 veio à luz em edição limitada, numa "piqueira", seu poema "Ariana, a mulher". Nesse mesmo ano é nomeado censor de filmes pelo Ministério da Educação, cargo que ocupou até 1938, ano em que apareceu também seu último livro, "Novos Poemas", e em que partiu para a Inglaterra, agraciado pelo British Council, com uma bolsa de estudos para a Universidade de Oxford, que frequentou como "F. C. de Magdalen College", de Lincoln e Cambridge, com os cursos de literatura inglesa. Ali mudou um ano, tendo funcionado como

BIBLIOGRAFIA DE ALGUMAS FONTES SOBRE VINICIUS DE MORAES

POSSUA:

"O caminho para a distância" — 152 páginas — R\$ 1,00 — Rio — 1932.

"Forma e Exegese" — 172 páginas — "Domingo Professor" — Rio — 1933.

"Ariana, a mulher" — 27 páginas — "Lamego, Portuga" — Rio — 1936 — Edição de 300 exemplares, fora de mercadoria.

"Novos poemas" — 100 páginas — Livraria José Olympio Editora — Rio — 1938.

Entre os seus trabalhos em prosa, mereça destaque o ensaio sobre "A Moderna Poesia Brasileira", publicado em "Sociedade Brasileira", número dedicado ao Brasil, setembro de 1942.

Octavio de Faria — "Vida poética" — 70 páginas — "Aventuras do Minotauro" — Rio — 1935.

Sabot, o "Circo São Paulo" — Rio — 1935.

Gonçalo Viana, "O Circo de Arica" — Rio — 1935. "A Vida de Arica" — Rio — 1935.

Antônio de Oliveira, "A vida de S. P." — Rio — 1937. "Mário Vargas" — Rio — 1937. "Aventuras de S. P." — Rio — 1938.

Antônio de Oliveira, "O Circo da Vida" — Rio — 1938.

Antônio de Oliveira, "O Circo da Vida" — Rio — 1938.

Antônio de Oliveira, "O Circo da Vida" — Rio — 1938.

Sabot, "Forma e Exegese" — Lucio Cardoso, "O Jornal" — Rio — 1936; Thales Martins, "Mecena" — "O Jornal" — Rio — 1936; Joaquim Portugal, "A Ordem" — Rio — 1933.

Willy Lewis, Recôncio, "Futebol" — Rio — 1935; Lauro Escrivá, "A Otraiva" — Rio — 1935; Antônio de Oliveira, "O Jardim" — Rio — 1935; Teófilo Braga, "Monteiro Mar" — Rio — 1935; Mário Peixoto, "Diário da Manhã" — Rio — 1936; Luís Dantas, "Diário da Manhã" — Rio — 1936; Oscar Mendes, em "Brasil" — Rio — 1937.

Sabot, "Ariana, a mulher" — Lauro Escrivá, "A Vida" — Rio — 1937; Lucio Cardoso, "O Jornal" — Rio — 1937; Geraldo, "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Sabot, "Ariana, a mulher" — Lauro Escrivá, "A Vida" — Rio — 1937; Lucio Cardoso, "O Jornal" — Rio — 1937; Geraldo, "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

No cinema, vejam-se o jardim cheio de flores, "O Jardim da Vida" — Rio — 1937; "O Circo da Vida" — Rio — 1937.

Almeida Garrett, "Início" — "Quintas Romanas" — Rio — 1938.

<p

Antologia da literatura brasileira contemporânea

Ariana, a mulher

Quantas, aquela noite, na sala deserta daquele casa cheia
da montanha em torno
O tempo convergiu para a morte e houve uma cesura
estrutural seguida de um desaparecer do instante para o
outro instante.
Ante o meu olhar absorto o relógio avançou e fui como
se tivesse me identificado a ele e adesivado batendo
lentamente — Ariana-Norte
E na ordem de horas que o silêncio fazia pulsar
como um coração dentro do ar despojado
Eu senti que a Natureza tinha entrado inviolavelmente
entre as paredes e se plantaria aquela noite em toda
a sua fútildade nocturna
E que eu estava no mundo dela e à minha volta havia
[Ariana dormindo e flores descoroadas pelas trevas]

Como que a solidão traz a presença inviolável de um ca-
ídaver — e para mim era como as a Naturas estavam
morta
E apesar a sua respiração seca e presente a sua
infelizidade monstruosa meia para mim era como se ela
estivesse morta
Paralisada e fria, inicamente erguida em sua sombra
Imóvel por seu alto e sem sua
E nemhum grito nemhum susurro de água nos rios cor-
rendo, nemhum eco nas quebradas érmias
Nemhum desenho nas hastes pendidas, nemhuma fonte
no mato afilado das plantas carnívoras
Nemhuma voz, nemhum apelo da terra, nemhuma lamenta-
ção de folhas, nada.

Em vão eu abrava os braços para as orquídeas insensíveis
junto aos rios érmes
Inicamente corta cégo e caleceante por entre os troncos
cujos parasitas eram como a miséria da validade
dos homens
Nesta a noite como se o medo tivesse parado em mim
a mocidade e gelado o sangue capaz de acordá-lo
E já a dor corta do meu corpo e as lágrimas dos meus
olhos no contato dos castos esburacados na obscuridade
da fuga

E a noite, des pô parecia julgar lentamente os mem-
bros em busca do pensamento
Quando eu estou no ventre quente de uma campina de
vegetação amida e sobre a qual afundou minha carne

Pois então que eu compreendi que só em mim havia a
morte e que tudo estava profundamente vivo
Se eu via as folhas caíndo, os rios correndo, os troncos
pulsando, as flores erguendo-se entre os troncos
E ouvi os gemidos dos galhos tremendo, dos gineceos se
abriu, das borboletas novas se fundo
E tão grande era a minha dor que angustiosamente eu
gritava a terra, como se quisesse recorrê-la
Mas da me lheu fora como se não houvesse força em
mim e com a era só me deixasse
E eu vi, só, só, e era como se a tristeza tivesse
me envolvido era.

Tristemente me bateu da alma o branco nome da Ariana
[Ariana é seu matrinho] — Ariana!
E sem pensar eu comhei o trigo como a visão do Templo
e me mormonei — Ariana!
E todo o meu biscoito Ariana e não havia Ariana em
nenhum parte.
Mas se Ariana era a florada porque não havia de ser
Ariana a terra?
Be Ariana era a morte porque não havia de ser Ariana
a vida?
Porque — se tudo era Ariana e só Ariana havia e nascia
[Hora de Ariana?]

Revoltei a terra de joelhos e a boca conjurou ao seu seio
esse miluto documento — Sou eu, Ariana...
Mas eu que um grande pásaro azul desce e canta aos
meus ouvidos — Eu sou Ariana!
E um todo o seu fio vibrando como um luto o muito
amado nome de Ariana.
Desesperado eu me ergui e bradei: Quem é que te devo
procurar em toda a parte e que estás em cada um?
Espírito, carne, vida, sofrimento, morte, por-
que não serás um?
Porque me perguntes e me foges e porque me cegas se
que das umas luxos e outras longas?

Mas nada me respondes e eu prossegui na minha per-
igração através a campinas
E disse: Sei que tudo é infinito — e o pô das aves
me trazia o grito dos sortes desaparecidos
E as pedras de caminho me traíram as abismos e a ter-
ra seca a sede nas fomes.
No entanto era como se eu fosse a almirante de um anjo
que me chateava — Ariana!
E eu caminhava cheio do castigo e em busca do martírio de Ariana
A branca Ariana salva das águas e a quem forá promis-
tido o trono do mundo.

E em que galgando um monte surgiu lumes e após
janelas iluminadas e após cabanas iluminadas
E após ruas iluminadas e após lugares iluminados
[como fogos no mato nocturno]
E grandes rodas de pesar secavam as portas e as ou-
vidas o bater das torjas.
E eu perguntei: Pescadores, onde está Ariana? — a elas
[me mostravam o palácio Ferreiros, onde está Ariana?] — e elas me mostravam o
fogo Mulheres, onde está Ariana? — e elas me mostravam
ventre

Mas logo se ouviram gritos e danças, e gaitas tocavam e
guicos batiam
E eu caminhava, e aos poucos o círculo ia se alongando à
medida que eu penetrava na savana
No entanto era como se o canto que me chegava em
toda a parte — Ariana!
E eu pensei: Talvez eu encontre Ariana na Cidade de
Ouro! porque não seca Ariana a mulher perdida?
Porque não seria Ariana a moeda em que o obreiro gra-
vou a efígie de Ceser?
Porque não seria Ariana a incensaria do Templo ou a
[purpura bordada ao altar do Templo?]

E mergulhei nos subterrâneos e nas torres da Cidade
do Ouro mas não encontrei Ariana
As vezes indaiva — e um palermo farfau me disse
[triste] Cão de Deus tu és Ariana...
E talvez porque eu lessa realmente o Cão de Deus eu
não compreendi a palavra do homem rico
Mas Ariana não era a mulher, nem a mocha, nem a purpura

E em dias contigo: Em todo lugar vemos que aqui estará
Ariana
E em encontro que só onde está Deus está Ariana.

Bastou cantar: Ariana, chico de Deus castigando Ari-
ana e disse muitas palavras invenientes
E maltei a voz das passara e esperei sobre a artiga
mas não repensável sobre a cíclota santa
Mas como se um raio me tivesse ferido e cortasse desse
trânsito dentro das veias entradas.
As mãos em concha, no alto das nuvens ou nos vales
[me gritava] — Ariana!

E muitas vezes o éco ajuntava: Ariana... Ana...

E os trovões dresobravam no céu a palavra — Ariana.

E comecei a um ordem extrema, as espumas salam das
lentes e contam os ratos

Os porcos endomesticados se desorientavam, os cães latiam
[bavam cantando nos lagos]

E os corvos e os abetos calham feridos por legiões de
nuvens precipitadas

E misteriosamente o jôo se separava do trigo nos
[pina descritas]

E as milheiras desendo os braços tritavam as formi-
gas no solo

E ensorprendidas pela terra decomposta as figuras se
tornavam profundamente seras.

Dante em pouso todos corriam a mim, homens varões
[os milhares despossuidos]

Deus me disse: Meu amado, meu filho mortal! e outras
eram coisas a paralíticas

E os homens me apontavam as plantações estorciadas
[e a vaca magra]

E os dias: Eu sou o Enviado do Mal e imediatamente
[as crianças morriam]

E os negros se tornavam paralíticos e os paralíticos coçam

E as plantações se tornavam pô que o veneno carregava
[que sufocava as vacas magras]

Mas como queriam me verter eu falava alhando a dire-
ção da matadaria dos corpos

Não temas, povo escravo! Ainda me morreu a alma

[final do que o filho e me assassinou a indiferença nula

A mim se fez pô a carne mais do que o trigo e se solto-

[tom a pecha malo do que a vaca magra]

Mas é preciso para que surja a Ekelada, a branca e

[serenissima] Ariana

A que é a lepra e a sude, o pô e o trigo, a poesia e a

Ariana, a mulher — a mãe, a filha, a esposa, a nôva,

[e bem-amada]

E à medida que o nome de Ariana ressoava como um

[grito de clarim nas faces paradas]

As crinças se ergam, os cegos olhavam, os paralíticos

[andavam medrosamente

E nos campos destruídos ondulando ao vento, os esca-
fetes minguam para o céu claro
E um céu claramente azul de todos os países e vila-
gens os céus — Ariana.
E uma néblina se estendia sobre as terras e sobre os
rios — Ariana.
E um céu misterioso iluminava o pensamento dos
poetas — Ariana.

Assim, coberto de banhos, eu chegava a uma florista

Le me sentei às suas bordas — os rapazes cantavam illu-
minados pelas estrelas

Tive o desejo violeta da sombra, da humildade das gallinas

E ne aprefeiçoei na espessura funda cheia de rosas e

torda a misteriosa passagem saudade

E foi como se eu estivesse procurado e sido achado

Vi orquídeas que eram caídas doce para a fruta

Vi rosas selvagens cheias de orvalho, de perfume eterno

Vi palmas gigantescas que eram laques para atazar

[o calor da carne]

Dreamless — por um momento senti vertiginosamente o

luzes foscando da terra

A pureza e a ternura da vida nos lirios altivos

A liberdade das lilias prisioneiras, a serenidade das

lúridas fofas despedindo

E mais que nunca o nome de Amada me veio — e eu

[fazia] o apelo — Eu te amo, Ariana

E o nome de Amada me veio aos olhos e eles cerravam

E o meu coração pôs-se a bater pausadamente doze ve-

[zes o sinal cabalístico de Ariana]

...

Dopois um gigantesco relógio se precisou na fôvea de

monstro, tomou forma e se situou na minha frente mara-

do sobre a Mata-Norte

Vi que estava só e que era eu mesmo e reconheci velhos

[objetos antigos]

Mas passando sobre o rosto a mão gelada senti que cho-

java as puríssimas lágrimas de Ariana

E que o meu espírito e o meu coração eram para sempre

[lá branca e serenissima] Ariana

No abismo profundo daquela casa cheia da montanha

[em fome]

Main, 1938.

NOTA — Esta publicação de Ariana, a mulher, representa a segunda edição do poema de Vitorino de Melo. A primeira edição é de 1928. (Pungoeti, Rio). Contém de trezentos exemplares. Como foi uma edição fora de mercado, o primeiro publicação de Autores e Livros será naturalmente a primeira oportunidade oferecida aos leitores para o conhecimento desse trabalho, que consideramos uma das mais representativas da poesia moderna do Brasil.

Soneto de Separados

A bordo do "Highland Pict"

De repente, do voo fer-se o prato
Silencioso e branco coros e bruma,
E os bocas unidas fer-se a espuma
E os olhos espalhados fer-se o espanto.

De repente, do calmo fer-se o vento
Olhos d'os olhos despe a última chama
E os olhos fer-se o pressentimento
E os olhos espalhados fer-se o drama.

De repente, uas, uas, que de repente
Fer-se, de triste o pô se fer-amonto
E de sorriso o pô se fer-eute

Fer-se do amijo proxímos e distantes;
Fer-se do voo uma aventura errante
De repente, nas, mais que de repente

Abd., 1938

Vicente de Melo